

# Feminismo e a formação da rede on-line: a questão do aborto no Blogueiras Feministas em tempos de eleições presidenciais

## Feminism and the construction of an online network: abortion on Blogueiras Feministas in times of presidential elections

Mauro de Souza VENTURA<sup>1</sup>  
Laís Modelli RODRIGUES<sup>2</sup>

### Resumo

O artigo estuda postagens sobre aborto feitas durante as campanhas presidenciais de 2014 pelo *Blogueiras Feministas*, um blog coletivo que reúne mulheres de todo o país. A análise foi feita por meio de coleta dos posts por dois meses, dos dias de 19 de agosto (início da propaganda eleitoral gratuita no rádio e na TV) a 19 de outubro. Propõe-se um exercício analítico sobre a rede que foi gerada a partir das manifestações na internet sobre o aborto no Brasil, conforme as disputas presidenciais iam se desenvolvendo antes e pós primeiro turno. Foi medido o grau de conectividade entre os personagens e o nível de concordância, contestação, respeito e negociação. Como protocolo metodológico, seguimos os estudos de mediação de Barbero (2002), os métodos de pesquisa para internet de Frago, Recuero e Amaral (2011) e pontuações de Castells (2013) sobre sociedade em rede.

### Palavras-chave

Blog; Redes Sociais na Internet; Eleição Presidencial; Aborto; Blogueiras Feministas.

### Abstract

The article studies posts about abortion during 2014 presidential campaigns written by Blogueiras Feministas, a collective blog that unites women from all over the country. The analysis was made by two months worth of posts were collected, from August 19th (beginning of the free political propaganda on TVs and radio) to October 19th. The proposal is an analytic exercise about the net that was created from internet manifestation of the theme abortion while presidential dispute developed before and after the first shift of elections. Connectivity degrees were measured between characters, level of agreement, response, respect, dialogue, quoting and negotiation. As a methodological protocol, we followed Barbero's mediation studies (2002), Frago, Recuero and Amaral's methods for researching the internet (2011) and Castells's studies on net society (2013).

### Keywords

Blog; Online Social Networks; Presidential Elections; Abortion; Blogueiras Feministas.

RECEBIDO EM 13 DE DEZEMBRO DE 2014  
ACEITO EM 12 DE AGOSTO DE 2015

<sup>1</sup> Jornalista, doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado no Institut für Publizistik und Kommunikationswissenschaft - Universität Wien, UNIWIEN, Austria. Professor do Departamento de Comunicação Social da FAAC – UNESP. Contato: mauroventura@faac.unesp.br

<sup>2</sup> Jornalista, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática (FAAC - UNESP). Pesquisa a formação de capital social e da rede online em torno de manifestações feministas na internet e no espaço urbano. Contato: l.modelli@ig.com.br

**N**ovas formas de representação da mulher na mídia nacional e internacional têm sido possibilitadas graças às novas dinâmicas comunicacionais mediadas pela internet. Se por um lado os discursos patriarcalistas ainda são disseminados por uma grande mídia, por outro, feministas podem confrontá-los e retratar nas redes sociais na internet, como sites, blogs e sites de relacionamento (Twitter, Facebook etc), seu ponto de vista sobre questões de gênero, sem a interferência de um editor.

Se, por um lado, a imprensa apaga dizeres sobre o feminismo e evidencia discursos patriarcalistas, as redes sociais virtuais constituem-se, então, como um espaço de confronto a esses discursos hegemônicos. A popularização da internet contribuiu para fazer circular massivamente discursos de valorização do feminismo (LIMA, 2013, p. 100)

Veio do recente episódio chamado de Primavera Árabe, uma onda de manifestações populares no Oriente Médio e Norte da África começada em 2010, um exemplo da força que o feminismo pode ganhar ao se agrupar em torno das redes sociais na internet: durante as manifestações nas ruas, blogueiras feministas retrataram a revolta popular de seus países contra os governos de acordo com suas experiências como mulheres. A violência com que essas manifestantes foram tratadas pelo Governo e pela Polícia não ficou despercebida pelo mundo por causa da ação dessas mulheres conectadas que transmitiam ao vivo, pela internet, espancamentos, estupros e mortes de manifestantes mulheres. Retratou Castells sobre a atuação delas na revolução no Egito:

Em 19 de dezembro de 2011, durante outro ataque à praça [Tahrir], uma jovem foi espancada, despida e deixada inconsciente, usando apenas o sutiã. Mulheres que tentaram ajudá-la foram atacadas pela polícia. O vídeo mostrando esse bárbaro ato de violência sexista foi disseminado por todo o mundo, provocando a indignação universal, particularmente entre mulheres. Ficou conhecido como o vídeo da "garota de sutiã azul". (CASTELLS, 2013, p.62)

Além das novas dinâmicas comunicacionais promovidas pela internet, o mundo vive uma nova onda feminista, em que questões de gênero conseguem espaço na mídia, e isso não reconhecemos que seja o mesmo que representatividade ainda, por causa das possibilidades de maior intervenção das mulheres nos espaços públicos e simbólicos (CASTELLS, 2013). Isso não significa que as mulheres não se manifestavam antes da internet, mas que, com o auxílio das redes sociais na internet, ficou mais fácil, eficaz e seguro para que feministas conseguissem expor suas ideias e demandas para a sociedade.

A questão da legalização do aborto é uma das principais bandeiras feministas do século XXI no Brasil. Ao olharmos para o passado do país, nos deparamos com uma sociedade em que as mulheres começam a se manifestar de maneira organizada e ganhar espaço para debater sobre o direito ao corpo somente na década de 70, vide o Movimento das Mulheres pela Anistia de 1975. Naquela época, contudo, não se tratava de ampliar os direitos previstos em uma sociedade democrática, mas de conquistar a própria democracia. Os discursos em torno ao direito ao aborto na sociedade brasileira, assim, vêm se arrastando desde o final do século passado.

A eleição presidencial de 2014 mostrou como o tema do aborto precisa ser debatido no Brasil e o quanto ainda é um assunto polêmico. Enquanto os principais candidatos se esquivavam das perguntas sobre o tema para não terem que se posicionar diante do seu eleitorado, candidatos representantes da bancada religiosa se posicionavam contra a legalização do aborto, com discursos de ódio e a "favor da família" (heteronormativa e com filhos). Os únicos candidatos a defenderem a legalização do aborto foram Eduardo Jorge (PV) e Luciana Genro (PSol). Tais candidatos tratavam o assunto como um caso de saúde pública no país e pouco tangiam a questão do direito da mulher sobre o próprio corpo, olhar levantado pela luta feminista. Os movimentos feministas brasileiros, por sua vez, se posicionavam nas ruas e nas redes sociais na internet cobrando dos candidatos políticas voltadas à legalização do aborto.

Com base nesse panorama do feminismo no Brasil e nos estudos de redes sociais na internet, este artigo se propõe analisar como que o blog coletivo *Blogueiras Feministas* [<http://blogueirasfeministas.com/>] se

articulou em torno da bandeira da legalização do aborto no contexto da eleição presidencial 2014. Procuramos indicar: como foi construída a rede em volta da temática aborto dentro do blog? Como foi a recepção entre os leitores: a rede construída teve respeito, concordância, negociação ou discordância entre os atores envolvidos? Houve alguma orientação em quem votar ou não votar nessas eleições mediante a posição do candidato em relação ao aborto?

Se debruçar sobre o tema da legalização do aborto no Brasil discutido em um dos maiores blogs feministas do país, o *Blogueiras Feministas*, e durante uma eleição presidencial, nos remete a ideia da necessidade de movimentos sociais conquistar o espaço simbólico, e não só o real, discutido por Castells (2013), uma vez que o direito ao aborto aparece como uma “contestação ao poder do Estado em legislar sobre questões da intimidade do indivíduo. Ele se constitui na expressão mais radical da liberdade do cidadão perante o Estado” (BASTERED, 1992, p. 104).

Este trabalho origina-se de uma pesquisa mais abrangente sobre a formação da rede on-line em torno das manifestações feministas na internet, pesquisa essa que vem sendo desenvolvida na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual de São Paulo, Unesp, campus de Bauru.

## **Redes sociais na internet**

Olhar para a sociedade estruturada na forma de uma rede, com atores e suas conexões, não é algo exclusivo dos estudos de Redes Sociais na internet (RECUERO, 2009). O estudo de redes originou-se da matemática no início do século XX e só posteriormente foi adaptado pela Ciência Social como uma metáfora estrutural para se analisar a sociedade. Na internet, esse tipo de abordagem de rede fornece ferramentas únicas para o estudo dos aspectos sociais do ciberespaço:

permite estudar, por exemplo, a criação das estruturas sociais; suas dinâmicas, tais como a criação de capital social e sua manutenção, a emergência da cooperação e da competição; as funções das estruturas e, mesmo, a diferenças entre os variados grupos e seu impacto nos indivíduos (RECUERO, 2009, p.21)

O surgimento das redes sociais na internet permitiu a construção de um novo espaço de discussão, debate e organização social. Assim, movimentos sociais logo viram na internet uma nova forma de se organizar e se comunicar com a sociedade e entre eles mesmos. A comunicação on-line também permitiu a postagem de relatos e experiências pessoais sobre o problema que se vive para um grande público, transformando essas redes sociais em redes de revigoração social, pois “Quanto mais as ideias são geradas de dentro do movimento com base na experiência dos participantes, mais representativo, entusiástico e esperançoso será ele, e vice-versa”. (CASTELLS, 2013, p.20). Além disso, a importância dos depoimentos pessoais postados nos meios de comunicação pelos próprios personagens que vivem o problema se dá porque esses sentimentos e emoções pessoais podem ajudar a identificar uma situação, antes considerada normal, como um problema social (MAIA, 2012).

No caso da blogosfera, os blogs possuem um papel importante na maneira como uma informação é propagada na internet, uma vez que a personalização da ferramenta foca diretamente a linguagem e a forma de determinar o que será publicado, além de manter sempre uma pequena audiência em torno do blog, audiência essa normalmente conectada através dos blogrolls (lista de outros blogs que normalmente vai anexa a um determinado blog, criando uma rede de conexões entre audiências de blogs diferentes e até de redes sociais diferentes, como os seguidores da página no Facebook) (RECUERO, 2009).

Ao considerar que “a mudança do ambiente comunicacional afeta diretamente as normas de relação de significado e, portanto, a produção das relações de poder” (CASTELLS, 2013, p.11), este artigo defende que, diante da sociedade do conhecimento, a internet se torna um elemento estratégico a mais para a luta das mulheres em busca de condições de igualdade social.

## **Blogs e o estudo de caso do Blogueiras Feministas**

Segundo os estudos de Redes Sociais de Recuero (2009), Blogs são um dos atores dentro de uma rede, capazes de estabelecer conexões e interações com outros atores, sejam esses outros blogs, sites e comentários dentro do blog. Conceitualmente, Blogs são sites de divulgação, capazes de

reunir links de outros blogs ou quaisquer outras redes sociais na internet. São formados por textos, chamados de posts, organizados de forma cronológica inversa, com a presença frequente de comentários e trackbacks (ferramentas automatizadas de referências, que funcionam de forma a deixar um link no blog citado por outro).

O advento do blog modificou a internet e o espalhamento de informação de várias maneiras e níveis: facilitou o processo de publicação de informações; conectou vários tipos de informação dentro de uma rede; permitiu que uma maior quantidade de conteúdo fosse armazenada na internet em pouco tempo; criou uma rede de hiperlinks; possibilitou a publicação de depoimentos e experiências pessoais para um público conectado em forma de redes (RECUERO, 2003).

O *Blogueiras Feministas* é um blog coletivo, hospedado em <http://blogueirasfeministas.com/>, surgido em 2010 e que reúne mulheres feministas de todo o Brasil para compartilharem suas experiências em forma de textos sobre questões de gênero. Todo dia ou em um intervalo curto de dias, uma mulher de um lugar diferente do Brasil relata no blog um caso pessoal sobre um tema feminista ou se posiciona diante de uma questão ligada à condição de gênero. Uma das organizadoras do blog uma das organizadoras define o projeto:

Este blog existe porque queremos vivenciar na rede a experiência de ser feminista. Escrever posts, apontar manifestações do machismo na sociedade, twittar, fazer videos, publicar fotos, organizar manifestações nas ruas e na rede, entre outras formas de espalhar essa ideia de que ainda tem muita coisa pra mudar nas relações entre homens e mulheres. Por outro lado, tem a ver com uma reflexão constante sobre a nossa própria vida, sobre como a gente pode enfrentar as nossas contradições, como a gente constrói as nossas relações com mais autonomia e liberdade. (MORENO, 2014)

Ao pensar sobre a própria experiência de ser feminista na rede on-line, o Blogueiras Feministas, organizado no formato de um blog que permite conversação com outras ferramentas on-line e postagem de comentários de leitores, essas feministas conversam e discutem não somente entre si, mas também com outros atores sociais dentro da rede. O

blog se configura assim como uma ferramenta de uma comunicação mediada.

Segundo os estudos de Martín-Barbero (2002) sobre mediação, “o eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (MARTIN-BARBERO, 2002, p. 55). Para o autor, as tecnologias de comunicação trabalham em harmonia com a sensibilidade e as formas de percepção de quem recebe a mensagem, que a interpreta a partir do seu repertório sociocultural. Esses, porém, apesarem de serem atores ativos na comunicação mediada, não são livres para fazerem qualquer tipo de interpretação. Mas, de acordo com as possibilidades de interação promovidas pela internet e pelos blogs, especificamente, podem negociar suas interpretações e também contribuir para aquela comunicação por meio de comentários postados.

Assim, sendo as redes sociais espaços de debates e discussões sociais entre atores ativos, podemos medir a maneira como o tema aborto é percebido, significado e negociado na rede articulada pelo *Blogueiras Feministas* em tempos de eleição presidencial, além de estudar como essa percepção e negociação pode influenciar as trocas de informação entre blogueiras feministas e seus leitores.

## Procedimentos metodológicos

Por meio de um estudo qualitativo com elementos empíricos, o corpus desta pesquisa está constituído pelos posts sobre aborto feitos durante a eleição presidencial 2014 no Brasil pelo blog coletivo feminista *Blogueiras Feministas* (<http://blogueirasfeministas.com/>).

Os objetos foram analisados sob a ótica metodológica da formação de redes sociais na internet, uma metáfora estrutural para compreender elementos dinâmicos e de composição dos grupos sociais envolvidos. No caso desse artigo, atores envolvidos em uma rede construída por feministas em torno do tema aborto. O aporte metodológico teve como base os estudos de Fragoso, Recuero e Amaral (2011) sobre métodos de pesquisa para internet, de Recuero (2009) sobre estudos de redes sociais na internet,

de Castells (2013) sobre formação de poder e influência das redes on-line e de Barbero (2002) sobre mediação.

A análise foi feita por meio de uma ida ao campo virtual, na página do *Blogueiras Feministas*, onde foram coletados por dois meses, os posts dos dias 19 de agosto (início da propaganda eleitoral gratuita no rádio e na TV) a 19 de outubro. Também foram coletados comentários de leitores replicados no blog nesses mesmos posts para analisar como foi a recepção.

A coleta de dados precedida da ida ao campo virtual resultou na construção de uma tabela de categorias de análise que mediu o grau de interação entre as blogueiras e os leitores em volta do tema aborto e eleição presidencial 2014.

Sobre as categorias de análise da tabela, considerando os estudos de Barbero (2002), que percebe como ativo quem recebe a mensagem, receptor esse capaz de produzir seus próprios significados e negociações a partir do seu repertório sociocultural, adaptamos seus estudos para o conceito de *graus de conexão*, advindo dos estudos de Redes Sociais de Frago, Recuero e Amaral (2011) e estabelecemos as seguintes categorias de análise: Concordância, Contestação, Respeito e Negociação. Quanto mais as categorias forem preenchidas, mais forte será a rede on-line construída em torno do tema aborto. O preenchimento delas nos remeterá a ideia de "receptor ativo" de Barbero (2002). Quanto menos categorias preenchidas, mais fraca as conexões dessa rede e menos propícia para o ambiente de discussão, pois "Enquanto os laços fortes possuem um alto nível de intimidade e suporte social, os laços mais fracos representam relações mais superficiais, menos íntimas e com menos valores construídos entre os atores" (RECUERO, 2009, p.24).

Ao identificar e categorizar os comentários de leitores e blogueiras, dimensionaremos: a) o grau de interação entre blogueiras e leitores, e vice-versa; b) o grau de interação entre os próprios leitores; c) como o contexto social, no caso a eleição presidencial 2014, impulsiona as postagens sobre um determinado tema feminista, no caso o aborto no Brasil; d) como essas blogueiras feministas se posicionam diante do aborto em tempo de eleição presidencial.

## Resultados

Recuero recorre a Primo (2003) para apontar duas possibilidades de interação das ferramentas online: *interação reativa*, uma interação limitada para os autores envolvidos, como a decisão que um ator tem em clicar ou não em um link; e *interação mútua*, a que se aplicou a este estudo de caso, por tratar de uma “interação construída, negociada e criativa. É possível observar em um blog não apenas a interação em um comentário, mas as relações entre as várias interações e perceber-se que tipo de relação transpira através daquelas trocas” (2009, p.33).

A análise da tabela de coleta de dados nos ajudou a cruzar os comentários e os posts das blogueiras sobre aborto e eleição presidencial, medindo a força desse tema na rede e a relação dele com o contexto histórico do país. Também foi possível comparar as interpretações dadas ao mesmo tema em posts diferentes, além de perceber como os valores em torno do aborto e o Estado brasileiro são construídos e propagados nessa rede. Exemplo da tabela montada (referente a apenas um post):

Texto/post	Concordância	Contestação	Respeito	Negociação	Nº comentários
<p>Se minha mãe tivesse me abortado</p> <p><b>Autora:</b> Laryssa Carvalho</p> <p><b>Dia 08/09</b></p> <p><b>Valor:</b> O aborto não é legalizado devido a influência moral da igreja, a repressão do Estado e a opressão do capital e do patriarcado; homem</p>	<p>18 comentários de concordância com a autora. Não geraram novas conexões dentro do seu próprio comentário. Porém quem concordava geralmente ficava na rede para responder a quem discordava da leitora.</p>	<p>1.A culpa é da mulher que não tomou antic. Se identificou como <i>Cao do Mato</i>. Esse comentário gerou mais outros 6.</p> <p>2.O mesmo autor voltou alguns comentários depois com outra opinião de contestação machista: ele não julga o abandono masculino como uma forma de aborto. Esse comentário gerou mais 1 outro comentário.</p> <p>3.Um 3º comentário não</p>	<p>1.O comentário de contestação faltou com respeito: “tomava anticoncepcional, é? Sei...O que ela quis dizer é que a mãe dela ESQUECEU de tomar o anticoncepcional”. Além disso, usou a caixa alta.</p> <p>2.Um dos comentários que respondeu ao de contestação não houve respeito: “bom se informar primeiro antes</p>	<p>Os 4 comentários de contestação não estavam abertos a negociação. Eles davam sua opinião e não aparecia mais nos comentários.</p> <p>Houve 1 comentário em que o leitor não tinha opinião formada e tentava negociar com as duas partes. Ele não gerou diálogo na rede, contudo.</p>	<p>38 comentários, sendo 5 depoimentos, mais o texto da autora, que também era depoimento</p> <p><b>Atores envolvidos</b>: 1 sendo a autora e mais 30 leitores diferentes. Isso demonstra que uma pessoa comentou mais de</p>

<p>também aborta quando abandona a mulher.</p> <p>Não fez relação à eleição presidencial</p> <p><b>Tipo:</b> Relato pessoal, a autora é filha de mãe solteira.</p>		<p>concordou que o aborto deva ser legalizado, pois é um "assassinato". Esse gerou mais 2 comentários.</p> <p>Comentários mais vistos: mulher não pode fazer aborto, mas não é obrigada a criar, existe orfanato.</p>	<p>de comentar merda"</p> <p>3.0 2º comente de contestação do mesmo autor gerou um comente de resposta a ele que não teve respeito: " oh esperteza, o abandono masculino nem é considerado crime, o homem já tem direito de abandonar... porque está chorando ai?????"</p>		<p>uma vez, já que foram 38 comentários</p>
--	--	---	--	--	---

**Tabela 1:** Coleta dos comentários dos leitores do Blogueiras Feministas sobre aborto

**Fonte:** Blogueiras Feministas, [www.blogueirasfeministas.com](http://www.blogueirasfeministas.com)

Entre os dias 19 de agosto e 19 de outubro, datas referentes ao início e fim da propaganda eleitoral gratuita em rádio e TV, foram postados 42 textos no *Blogueiras Feministas*. Desses, 9 foram sobre aborto, sendo 2 relacionados à eleição diretamente. Mesmo os que não citavam as eleições presidenciais, todos lembravam seus leitores que abortar no Brasil, segundo nossa legislação atual, é crime. Dos 9 posts sobre aborto, foram coletados 88 comentários.

Nas duas primeiras semanas, do dia 19 de agosto, começo das campanhas eleitorais no rádio e TV, a 2 de setembro, não houve nenhuma publicação sobre aborto. No dia 02, no entanto, acontece uma primeira publicação sobre o cenário político brasileiro e, como quebra de paradigma, é o único do período que não trata somente de temas feministas. É o *O Plebiscito Popular pela Constituinte Exclusiva*, em que a autora ressalta a importância de mulheres, negros e jovens de terem mais acesso às esferas de poder e defende uma Reforma Política. Apesar de falar de problemas de representatividade das mulheres na política brasileira, a autora não cita a temática do aborto.

A primeira postagem do período analisado sobre aborto apareceu no dia 08 de setembro, com o título *Se minha mãe tivesse me abortado*, quatro dias depois das sabatinas no Jornal da Globo (1º a 4 de setembro). Não faz referências à campanha eleitoral, mas cita o Estado em vários momentos do texto para ressaltar a falta de políticas públicas sobre o tema no Brasil.

Até o dia 17/09, quando já tinham acontecido as sabatinas nos principais jornais da TV aberta, as autoras percebiam em seus posts que o aborto era um assunto evitado pelos candidatos presidenciais nas entrevistas.

Os três posts do período que fizeram referência clara à eleição presidencial de 2014 não estavam diretamente relacionados com aborto, mas com os discursos de ódio de alguns dos candidatos contra o movimento LGBT.

Foi verificado que os posts sobre aborto iam se fazendo mais frequente conforme se aproximava o segundo turno das eleições. No dia 13 de outubro, o post *Aborto e o controle social dos corpos* informava que a semana seria seguida por uma série de textos que “questionariam problemas físicos e sociais relacionados a prevenção da gravidez, a gravidez em si, ao parto e pós-parto. Justamente para pensarmos: Só engravida quem quer? É só dar para adoção? São só nove meses? E depois?” (BLOGUEIRAS FEMINISTAS, 2014). A iniciativa talvez tenha demonstrado a preocupação dessas blogueiras feministas em aproveitar o momento para discutir pautas que foram pouco discutidas nas campanhas eleitorais. Por outro lado, muitas das afirmações que foram desmistificadas pelos posts da semana do dia 13 de outubro remetiam aos comentários de Contestação deixados nos posts coletados do período, deixando transparecer que esses talvez sejam a motivação mais pontual que influencia na decisão das blogueiras sobre o que será postado. O primeiro parágrafo do post do dia 15/10 mostra como a opinião contrária à delas impulsiona as postagens futuras:

Essa semana estamos propondo discussões em torno das frases que mais ouvimos em debates sobre a legalização do aborto. Ontem publicamos: Só engravida quem quer? Hoje vamos responder aqueles que dizem: “por que ao invés de abortar não entrega o bebê para adoção? São só nove meses” (Coordenação Blogueiras Feministas, 2014)

Ao retomarem esses comentários de Contestação de posts passados para fazerem novos posts, verificamos que existe uma rede sendo construída no espaço virtual por essas feministas, uma vez que o conceito de rede é a conexão de atores entre si em diferentes momentos (RECUERO, 2009).

Também foi percebido com o preenchimento da tabela de categorias que, quanto mais aparecia a categoria Contestação, mais crescia a rede em números de atores e conexões. Quanto mais a Contestação era seguida do preenchimento da categoria Respeito, mais forte essa rede se tornava. Quanto menos Respeito, mais fácil dessa rede ser quebrada.

Vale ressaltar que em todos os dias de coleta de posts e comentários, o tema "aborto" era o "Assuntos mais Procurados" do *Blogueiras Feministas*.

## Conclusões

Constatamos que quanto mais comentários contra a ideia central do post, mais outros comentários ele gera na rede, aumentando-a para outros atores. A Contestação, no entanto, quando feita de maneira desrespeitosa ou preconceituosa gera um desequilíbrio na rede, fazendo com que a discussão em torno do aborto ou perca o foco ou vire uma briga pessoal entre os atores envolvidos. Por outro lado, quando há respeito, a contestação pode aprofundar a discussão e trazer novas contribuições a conversa. Assim, a contestação expande a rede, mas só é benéfica quando feita com respeito. Os comentários de discordância geralmente causam uma comoção nos de concordância, fazendo com os que concordaram voltem à página para responderem aos que discordaram da autora. A negociação, nesse caso, seria a forma ideal de diálogo, mas foi observado que poucas ou nenhuma vez quem discorda volta para conversar na rede: ele apenas comenta e não volta mais para aquela conversa, ou se voltam, comentam em outros comentários, mas ignora aquela conversa geralmente. Os leitores que concordavam com a autora, por sua vez, apareciam com frequência em outros posts sobre o aborto, evidenciando que leem o blog com frequência. Já os de discordância geralmente apareciam nos comentários de uma única postagem.

Em geral, os argumentos do lado dos que são contra o aborto variavam entre: a culpa é da mulher que não usava ou se esquecia de tomar

anticoncepcional; aborto é sinônimo de assassinato; a mulher não pode abortar, mas também não precisa criar a criança, pode dá-la a adoção. Dos a favor ao aborto, os comentários mais comuns eram: o aborto é um direito individual; é um caso de saúde pública; não é assassinato; o abandono masculino também é uma forma de aborto; diferente da criminalização, a legalização do aborto não obrigará ninguém a abortar.

Sobre a importância do relato pessoal propagado na rede, apontado no começo deste artigo por Castells (2013) e Maia (2012), foi constatado que ele serviu para exemplificar problemas pessoais vividos em torno do aborto, geralmente postado por leitores que eram filhos de mães solteiras ou pelas próprias mães solteiras. Eles também costumavam gerar posts. Para se ter noção da força deles na rede, dos 9 posts, 3 eram relatos pessoais de abortos ou quase abortos. Os depoimentos estavam até nos comentários: dos 88, 9 eram de relatos pessoais. O assunto provavelmente será tema para um futuro artigo sobre as manifestações de feministas na internet.

Em relação ao contexto social que permeava o período de coleta de dados, o primeiro e segundo turnos da eleição presidencial 2014, em 2 textos houve referência à eleição presidencial ou ao panorama político. Apesar de não ter um discurso claro sobre quem elas votariam, houveram críticas ao governo atual em relação ao aborto, como nesse texto de 17/09:

Setembro de 2014, quarenta e três meses após a posse de Dilma Rousseff como presidente do Brasil, e nós, feministas, seguimos em duras frentes de luta pelos direitos sexuais e reprodutivos das brasileiras, o aborto esse, o mais flagrante (e urgente). Após a chegada à presidência da primeira mulher, militante, presa e torturada na ditadura militar, seguimos frustradas com os (des)compromissos políticos assumidos na campanha eleitoral e com as práticas vagarosas do Legislativo e Judiciário em admitir e corrigir práticas históricas perpetuadoras de desigualdades como a criminalização do aborto (GOMES, Blogueiras Feministas, 2014)

Também foi ressaltado nos posts o fato de essa ter sido uma eleição com três candidatas mulheres e que apenas uma delas, Luciana Genro (PSol), se posicionava a favor da descriminalização do aborto, ou que nenhuma das duas principais candidatas falavam sobre. "Até quando, tendo

inclusive duas mulheres favoritas como candidatas a presidência da República, esse assunto vai continuar a não ser discutido como se deve?" (Blogueiras Feministas, 16/09/2014)

Quando analisados do ponto do quadro político brasileiro, foram feitas as cobranças: É necessária uma mudança legislativa; moralismos e crenças religiosas sobre os direitos de corpos alheios refletem como termômetro eleitoral; os votos conservadores sobre o tema estavam relacionados à bancada religiosa. As cobranças perante o Estado de legalizar o aborto quase nunca estavam relacionadas com depoimentos pessoais. Os tipos de posts que faziam alusão ao cenário político contemporâneo recebiam poucos ou quase nenhum comentário.

Foi concluído que, dentro dos posts analisados no período de 19 de agosto a 19 de outubro, o aborto precisa ser discutido pelo Estado e pela sociedade, independentemente de ser ano eleitoral ou não; e que mulheres têm conquistado maior espaço entre os cargos políticos, mas que, até o momento, "números refletem apenas representação e não representatividade das mulheres" (*Blogueiras Feministas*) na política brasileira. O primeiro post do período de coleta a ser assinado por várias blogueiras, o *Aborto e o controle social dos corpos*, resume a ideia do *Blogueiras Feministas* sobre as eleições 2014: "Infelizmente, após anos de luta pela descriminalização e legalização do aborto no Brasil, hoje o debate encontra-se na vala da opinião pessoal" (coordenação *Blogueiras Feministas*, 2014). Importante incluir que as blogueiras não apoiarem nenhum candidato e partido político no período analisado.

No campo comunicacional e de construção da rede feminista na internet, registramos que os comentários de Contestação serviram de maior motivação para as blogueiras decidirem sobre tema de novos posts relacionado ao aborto do que o próprio contexto social, no caso, as campanhas presidenciais 2014.

## Referências

BARSTED, Leila A. L. Legalização e descriminalização do aborto no Brasil - 10 anos de luta feminista. **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, n. 0, p. 104-130, 1992.

- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança** - movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- LIMA, Quêzia dos Santos. Blogueiras feministas e o discurso de divulgação do feminismo no ciberespaço. In: **Seminário de estudos em análise do discurso**, 6., 2013, Rio Grande do Sul. Estudos em Análise do Discurso. Rio Grande do Sul: Instituto de Letras, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/BlogueirasFeministasEODiscurso.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2014.
- MAIA, Rouseley. Emoção, retórica e histórias pessoais na esfera pública. In: SOARES, M.C., et al. **Mídia e Cidadania**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. Comunicação e mediações culturais. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, vol XXIII, n. 1, 2000.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- RECUERO, Raquel. Fluxos de informação e capital social nos weblogs. In: RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- STEFFENS, César; POZENATO, K. M. (Org.). **Mídia, cultura e contemporaneidade**. Caxias do Sul: EDUC, 2010. p. 117-142